

Respostas a uma questão

COMO ANALISAR AS
RELAÇÕES DE PODER
E DE RESISTÊNCIA EM
DISCURSOS SOBRE O
SUJEITO IDOSO?

Conselho Editorial

Alastair Pennycook

Allen Quesada

Ana Nery Damasceno Noronha

Ana Sousa

Antonieta Heyden Megale

Aparecida de Jesus Ferreira

Beatriz Gama Rodrigues

Carmen Jená Machado Caetano

Cátia Regina Braga Martins

Daniel Silva

Dlubia Santclair

Elaine Fernandes Mateus

Elkerlane Martins de Araújo

Fernanda Coelho Liberali

Joaquim Dolz

Kleber Aparecido da Silva

Lauro Sérgio Machado Pereira

Li Wei

Lynn Mário Menezes de Sousa

Gabriela A. Veronelli

Gisvaldo Araújo Silva

Manuela Guilherme

Reinildes Dias

Ofelia García

Oseas Bezerra Viana Jr.

Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

Paulo Massaro

Renato Cabral Rezende

Rodriana Costa

Rosana Helena Nunes

Rosane Pessoa

Ryuko Kubota

Sávio Siqueira

Sweder Sousa

Tatiana Dias

Veruska Machado

Vilson Leffa

Viviane Resende

Pedro Navarro
(organizador)

Respostas a uma questão

COMO ANALISAR AS
RELAÇÕES DE PODER
E DE RESISTÊNCIA EM
DISCURSOS SOBRE O
SUJEITO IDOSO?

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Respostas a uma questão [livro eletrônico] : como analisar as relações de poder e de resistência em discursos sobre o sujeito idoso? / Pedro Navarro, (organizador). – Campinas : Mercado de Letras, 2022.

ePub

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-637-7 [ebook]

1. Análise do discurso 2. Artigos – Coletâneas 3. Identidade
4. Idosos – Aspectos sociais 5. Linguagens 6. Subjetividade
I. Navarro, Pedro.

22-121753

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso : Aspectos sociais : Linguística 410
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

capa e gerência editorial: Vanderelei Rotta Gomide

preparação dos originais: Mônica Chagas

Íngrid Lívero

revisão editorial: Editora Mercado de Letras

revisão final: dos autores

bibliotecária: Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

Fomento para esta
publicação
CAPES

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 2

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução ou armazenamento
parcial ou total ou transmissão de qualquer
meio eletrônico ou qualquer meio existente
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos especiais à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá pelos subsídios necessários à publicação desta obra, pelo Convênio PROAP/CAPES, processo 88881.595309/2020-01.

SUMÁRIO

DISCURSO, SUJEITO IDOSO E PODER: APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS DESENVOLVIDAS	9
<i>Adéli Bortolon Bazza</i>	
DISPOSITIVO DA VELHICE SAUDÁVEL: PRÁTICAS COTIDIANAS DE EXISTÊNCIA DE IDOSOS MARINGAENSES	19
<i>Daniela Polla</i>	
SUJEITO IDOSO E BIOPOLÍTICA MIDIÁTICA: QUE CORPOS SÃO POSSÍVEIS?	51
<i>Emmanuele Monteiro e Regina Baracuhy</i>	
DISCURSO E SUBJETIVIDADE IDOSA NO ESPAÇO HETEROTÓPICO DO ASILO	79
<i>Hoster Older Sanches</i>	
PRÁTICAS DISCURSIVAS OBJETIVADORAS DO IDOSO EM PORTAIS E BLOGS NA INTERNET	107
<i>Ivy Valsecchi e Pedro Navarro</i>	
POR UMA ANÁLISE DO DISCURSO DA VELHICE: ARQUEOLOGIA, GENEALOGIA E ANALÍTICA DA EXPERIÊNCIA IDOSA.	139
<i>Pedro Navarro</i>	
SOBRE OS AUTORES.	189

DISCURSO, SUJEITO IDOSO E PODER:
APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS
DESENVOLVIDAS

Adélli Bortolon Bazza

Este livro tem como foco pesquisas que tomam o idoso como objeto de discurso. Nesse sentido, tem como objetivo reunir trabalhos de pesquisadores e de pesquisadoras do campo dos Estudos Discursivos Foucaultianos, dedicados a apresentar possibilidades de análise de fatos de discurso voltadas ao exercício do poder e à produção de verdades que fabricam o idoso como objeto de saberes institucionalizados, bem como análises discursivas que investigam movimentos de resistência, mais ou menos visíveis, silenciosos ou mais barulhentos, que tais sujeitos realizam. Ele é composto por pesquisas realizadas no âmbito dos grupos de pesquisa GEF – Grupo de Estudos Foucaultianos, da Universidade Estadual de Maringá, e CIDADI – Círculo de Discussões em Análise do Discurso, da Universidade Federal da Paraíba, coordenados, respectivamente, por Pedro Navarro e Regina Baracuhy.

Para a realização deste projeto, quatro pressupostos do método arqueogenalógico servem de norte. O primeiro liga-se à

premissa segundo a qual poucas coisas novas são ditas, o que leva as análises a deflagrar a multiplicação dos efeitos de poder vinculados aos enunciados. E esse é o direcionamento dado pela concepção de discurso com a qual trabalhamos no referido campo teórico-metodológico. É o texto de “A Arqueologia do Saber” que sustenta essa prática:

Assim concebido, o discurso [...] aparece como um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política. (Foucault 1972, pp. 136-137)

Essa citação orienta, pois, nosso olhar para a investigação de como o poder atua por meio dos enunciados, em sua condição de raridade. Não obstante poucas coisas serem ditas, o poder que nelas se manifesta potencializa seus efeitos, e, para tanto, as instituições desempenham um papel significativo.

O segundo pressuposto está relacionado à noção de “monumento”, tão cara à perspectiva histórica que baliza nossa forma de abordagem da relação entre subjetividade idosa, verdade e poder. De acordo com Foucault, “o problema é constituir séries: definir para cada uma seus elementos, fixar-lhes os limites, descobrir o tipo de relações que lhe é específico, formular-lhes a lei e, além disso, descrever as relações entre as diferentes séries, para constituir, assim, séries de séries, ou ‘quadros’” (Foucault 1972, p. 8). Aludimos, com isso, à ideia de que a verdade é uma invenção, portanto é deste mundo; contudo, para se chegar a essa constatação, devemos estar atentos às orientações que uma história-monumento fornece à análise de discursos. Somos, desse modo, incitados a acolher os discursos em sua condição de prática que obedece a regras que são determinadas pelas instituições e respondem pelos tipos de

objeto, pelos conceitos, pelas modalidades de enunciação, pelas estratégias e pelas relações que se estabelecem entre os enunciados.

Por fim, a realização deste projeto demanda a presença do “intelectual específico”. Como analisa Foucault, o intelectual específico é aquele que deve possuir o saber do poder para denunciar o poder do saber e, assim, falar a partir do lugar que ocupa, não em lugar dos outros, sob pena de repor em circulação a mesma política de verdade que a ele caberia denunciar. Isso tem a ver com o fato de que nossa realidade é marcada por uma luta local, regional, que consiste em tornar visíveis os mecanismos dissimulados do poder e, ao fazê-lo, venha a reconhecer que “aquilo que faz a generalidade da luta é o próprio sistema do poder, em todas as suas formas de exercício e aplicação” (Foucault 2013, p. 142).

O recorte por essa subjetividade específica remonta a uma ruptura na história que indica a emergência de uma faixa etária e uma consequente produção discursiva que a funda e classifica. A colocação desse sujeito no centro de uma produção discursiva está relacionada a um fenômeno social que se instalou no Brasil, assim como já ocorre há mais tempo em países classificados como desenvolvidos: o chamado envelhecimento da população. Constatado a partir dos dados do Censo do IBGE (Brasil 2010), o aumento na proporção de idosos dentro do quadro populacional do país estaria relacionado, entre outras coisas, à redução da taxa de natalidade, aos avanços da Medicina e da Farmacologia e a uma melhoria na qualidade de vida, que possibilitaram uma maior longevidade à população.

A materialização desse processo de envelhecimento populacional pode ser observada no nível discursivo a partir de alguns indícios, como a presença do idoso em diversos espaços de atuação social. Isso o tornou objeto de variados domínios discursivos - como o jurídico, o artístico, o jornalístico, o governamental, o acadêmico - e desencadeou um trabalho de reconstrução de subjetividades para pessoas com mais de 60 anos. O aumento estatístico de idosos entre a população brasileira pode ser considerado um fato social, a

partir do qual se constituiu o acontecimento discursivo que criou, entre outras subjetividades, a ideia de novo idoso. Ao pensar com Foucault os eventos discursivos, o analista guia-se pela observação de regularidades e rupturas na ordem do discurso. A colocação do idoso como foco de interesse social rompe com uma prática discursiva de não enfatizar a velhice ou de restringi-la aos problemas descritos e tratados pelo dispositivo da área da saúde. Dessa forma, o arquivo resultante dessa produção discursiva pode ser escalonado a partir de diferentes recortes:

Na trama de um acontecimento discursivo maior, que é o fato de os idosos se tornarem protagonistas desse momento histórico, é possível identificar diversos acontecimentos discursivos, como a reestruturação de planos de carreira e de perfis profissionais, visto que os idosos tendem a se manter mais tempo no mercado de trabalho ou voltar a ele, caso já tenham saído. Também se pode observar uma ruptura nas organizações de saúde, com reformulação em leis de planos de saúde e com o foco na prevenção de doenças. Uma análise de cunho arqueogenalógico implica escavar as diversas camadas que envolvem o processo de construção da subjetividade do idoso na contemporaneidade, em diversos campos nos quais ele atua. (Bazza 2018, p. 22)

Tratar discursivamente esse acontecimento implica, entre outros gestos analíticos, sistematizar as formas de objetivação do sujeito idoso e as regras de formação desse discurso, descrever as subjetividades idosas possíveis, os jogos de poder que as produzem, bem como interrogar o *status* de verdade que elas podem vir a assumir. Problematizar a verdade do discurso sobre os idosos, neste momento histórico, é seguir um caminho já percorrido por Foucault em relação a temas como a loucura (1978), as prisões (1997), a sexualidade (2004, 1998, 2005), as formas jurídicas (2002) etc.

A intensa produção discursiva a respeito da velhice fez com que subjetividades como ‘velho’ e ‘idoso’ fossem revisitadas tanto

em enunciações do cotidiano, quanto da mídia e da área de pesquisa acadêmica. Para além delas, emergiram novas formas de designação para esses sujeitos, fazendo com que as expressões ‘terceira idade’, ‘melhor idade’, ‘novo idoso’, ‘60+’, entre outras, tornassem-se bastante recorrentes na mídia. No tema em tela, os asilos foram chamados por muito tempo de ‘lar dos *velh(inh)os*’; algumas organizações sociais de atividades para idosos eram descritas como ‘clube do *vovô*’ ou ‘grupo do *idoso*’. Mais recentemente, o conjunto de instituições superiores organizado para dar atendimento às pessoas com mais de sessenta anos, no Brasil, foi chamado de Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), colocando em destaque a designação *terceira idade*. Pode-se observar que certos dispositivos, a partir de suas práticas específicas, direcionam para determinadas formas de subjetivação. Diante disso, um gesto analítico possível é o de tentar descrever a relação entre determinados dispositivos e essas novas subjetividades.

Em um cenário de aparente naturalização da ‘terceira idade’, propusemos uma reflexão a respeito da subjetivação de idosos ante as coerções e práticas sugeridas/impostas por essa subjetividade. Esse caminho passou pela intersecção entre a sujeição dos dispositivos contemporâneos e o cuidado ético de si mesmo, observados por Foucault (2005; 2011) na cultura grega clássica. Tal empreendimento decorreu de considerarmos que

discursos políticos, midiáticos e de demais esferas institucionalizadas objetivam quem é o idoso hoje. Essa objetivação construiu uma imagem recorrentemente denominada novo idoso, composta não só pela forma como o sujeito é visto, mas pelas práticas que o indivíduo deve adotar para ser daquela forma. Ao mesmo tempo em que ocorre esse processo de sujeição, há um macroprocesso (e também um micropoder) em ação, por meio do qual as pessoas ditas idosas atuam cuidando de si mesmas. (Bazza 2018, pp. 78-79)

Em entrevistas e em relatos escritos, cujo tema era a vivência da terceira idade, os idosos manifestaram um processo de subjetivação refletido para sua arte de viver essa fase da vida. Apesar de se considerarem novos idosos, por se perceberem bastante diferentes das gerações anteriores, eles não assumiam plenamente a subjetividade de idoso ativo e todas as práticas relacionadas a ela pelo dispositivo. Em relação à questão teórico-metodológica, a descrição dos enunciados produzidos pelos idosos indicou a presença de elementos do cuidado de si no discurso dos sujeitos idosos sobre eles mesmos. Entretanto, observamos que certas práticas, descritas por Foucault (2005, 2011) como um cuidado de si na cultura grega, foram capturadas por dispositivos e se tornaram práticas de coerção: “no caso da subjetividade de novo idoso, campos como a Medicina, a Nutrição, a Gerontologia, a Sociologia, entre outros, investiram sobre o corpo idoso por meio dessas práticas” (Bazza 2018, p. 158).

A pesquisa demonstrou que não temos teorias gerais que definam uma forma de ser idoso, muito menos a atuação de apenas um dispositivo nesse processo. Trata-se de uma rede de dispositivos que abarca memórias, subjetividades em circulação e possibilidades diversas de os sujeitos fazerem sua experiência com a velhice. Um vasto arquivo, para resumir, sobre o qual a coletânea “Respostas a uma questão: como analisar as relações de poder e de resistência em discursos sobre o sujeito idoso?” se debruça.

No texto, “Dispositivo da velhice saudável: práticas cotidianas de existência de idosos maringenses”, Polla problematiza o modo como os idosos, posicionados no dispositivo asilar, constroem suas práticas cotidianas de existência. Operacionalizando o conceito de confissão, a pesquisadora interroga se a subjetivação dos idosos maringenses aproxima-se ou se afasta da objetivação construída pelo discurso midiático e científico para eles. Enquanto o discurso científico aborda as questões atinentes à faixa etária após os sessenta anos sob uma problemática de preocupação para que essa idade seja experienciada de modo saudável, física e mentalmente, o discurso midiático objetiva um idoso que é ativo, procura manter-se belo e

domina as tecnologias. Os depoimentos de idosos pertencentes a instituições de cuidados com idosos da cidade de Maringá indicaram que existe um “dispositivo da velhice saudável” que atravessa tanto o discurso científico, quanto o midiático e até mesmo as artes de existência dos idosos maringaenses.

Monteiro e Baracuh, no capítulo “Sujeito Idoso e Biopolítica Midiática: que corpos são possíveis?” partem de textos de revistas de circulação nacional, como *Veja*, *Época*, *Dieta Já*, *Ana Maria* para problematizar as práticas objetivantes e subjetivantes do sujeito idoso que envolvem as relações entre verdade, poder/resistência e relações éticas deste sujeito consigo e com os outros em nossa sociedade midiática. Para atingir tal fim, amparamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos Discursivos Foucaultianos, a fim de analisar corpos idosos possíveis nas malhas da biopolítica midiática. As análises empreendidas indicaram que as práticas identitárias são constitutivas da subjetividade idosa e remetem aos modos disciplinares de vida e de ser que implicam um trabalho do sujeito sobre si mesmo no sentido de subjetivar-se conforme enunciados, normas, valores e estéticas que circulam na mídia. As práticas transgressoras do corpo velho só são possíveis de existir quando configuram transgressões aos jogos de normalização da mídia, dessacralizando e desestruturando uma ordem pré-estabelecida, determinada sócio-historicamente.

No capítulo “Discurso e subjetividade idosa no espaço heterotópico do asilo”, Sanches mantém as discussões no ambiente asilar, com o propósito de investigar como as heterotopias funcionam, a partir das relações de poder, no exercício de subjetivação do sujeito idoso asilado. A pesquisa indicou que as heterotopias operam como forma de normatização de uma população em crise biológica, por isso há, na instituição asilar, diferentes heterotopias que permitem escapar ao corpo tópico em decadência física e social. Nesse processo, o discurso religioso desempenha um papel de destaque, posto sua constituição característica de lidar com outra vida e outro espaço como objetos de espera e desejo.

Em “Práticas discursivas objetivadoras do idoso em portais e *blogs* na internet”, Valsecchi e Navarro investigam de que modo o sujeito idoso surge como objeto de saber de práticas discursivas que têm lugar em portais e *blogs* na internet. Mobilizando ferramentas da arqueologia e da genealogia foucaultianas, problematizam o eixo temático da saúde, identificado em suportes discursivos como Portal do Envelhecimento; Viver depois dos 50; 50 e mais - Vida adulta inteligente; e Viva a Velhice. A descrição da série enunciativa indicou que os sujeitos que enunciam assumem e replicam a objetivação que lhes é imposta por meio do dispositivo médico e de saberes oriundos de diversos campos. Subjetivam-se, de igual modo, como um idoso que precisa ser saudável e, para tanto, ativo. Entretanto, essa objetivação “novo idoso” é atravessada por outra, que parece estabelecer laços de continuidade com discursos que ainda mantêm a velhice debilitada como um forte enunciado, do qual se tenta, nem sempre com êxito, se distanciar.

Navarro, em “Por uma análise do discurso da velhice: arqueologia, genealogia e analítica da experiência idosa”, propõe a elaboração de um diagnóstico do presente a partir de cartografias das relações de poder-saber e de resistências em discurso do e sobre o idoso. O autor parte de quatro enunciados fortes, que se comportam como enunciadoreis reitores no *corpus* discursivo: (1) um corpo que não envelhece; (2) um corpo que é ativo; (3) um corpo que produz; e (4) um corpo que deseja. A análise discursiva desses enunciados reitores guiou-se pela metáfora de uma árvore enunciativa. Assim, os enunciados reitores estariam na raiz dessa organização derivativa, alinhavando o campo associado constituído pela rede de saberes da qual participam instituições de ensino, programas de medicina preventiva, nutricional e estética, campanhas de retardamento do envelhecimento, programas de incentivo cultural e de cultura física, planos de seguridade, entre outros. No curso do florescimento dessa árvore, encontram-se elementos discursivos desses campos sendo incorporados aos saberes sobre os sujeitos da terceira e quarta idades; por fim, nas extremidades dos ramos, a emergência

da subjetividade “melhor idade”. O autor apresenta, também, o percurso das pesquisas que realizou sobre a temática durante a vigências de três projetos financiados pelo CNPQ, iniciados em 2011. No itinerário que relata, observa que os enunciados reitores parecem sintetizar o dizível e o visível dos dispositivos de poder que se projetam sobre essa população, cujo corpo não envelhece, é ativo, produtivo e desejante.

Os artigos não apenas se justapõem para formar um todo orgânico. Antes, e de modo entrelaçado, a coletânea se mantém em uma unidade temática e com progressão tal que cada artigo, mesmo com suas especificidades, oferece-se como condições de possibilidade para que o outro aconteça, dado o “domínio associativo” (Foucault 1972) que se desenha, garantido por um esforço conjunto para disponibilizar à comunidade científica e a leitores interessados na temática abordada uma cartografia de discursos de poder e de resistência acerca do idoso em nossa sociedade atual.

É nessa direção, pois, que se justifica o título dado à organização, visto que cada capítulo expõe as ferramentas teóricas da arqueologia, da genealogia e da analítica que utiliza para responder a duas perguntas foucaultianas centrais: quem somos nós hoje e como o poder se exerce? Parte do título foi inspirado em um importante texto de Foucault (2010), intitulado “Resposta a uma questão”, no qual o autor interroga o estatuto, as condições de exercício, o funcionamento e a institucionalização dos discursos científicos.

Referências

- BAZZA, Adéli Bortolon (2018). *Ser idoso na atualidade: subjetividade e discurso*. Guarapuava: Editora Unicentro.
- BRASIL (2010). *Censo 2010*. Rio de Janeiro: IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.

Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 18/07/2022.

- FOUCAULT, Michel (1972). *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes.
- FOUCAULT, Michel (2011). *A hermenêutica do sujeito*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel (2002). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora.
- FOUCAULT, Michel (2005a). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel (1978). *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva.
- FOUCAULT, Michel (2004). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel (1998). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel (2005b). *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel (2013). *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal.
- FOUCAULT, Michel (2010). “Resposta a uma questão”, in: FOUCAULT, Michel. *Repensar a política. Ditos e escritos, VI*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 1-24.
- FOUCAULT, Michel (1997). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.